



Paris Depois da Chuva

F. Castellani

F. Castellani

Paris Depois da Chuva

© F. Castellani, 2022

ISBN numérique : 979-10-405-2182-2

Librinova”

www.librinova.com

Le Code de la propriété intellectuelle interdit les copies ou reproductions destinées à une utilisation collective. Toute représentation ou reproduction intégrale ou partielle faite par quelque procédé que ce soit, sans le consentement de l'auteur ou de ses ayants cause, est illicite et constitue une contrefaçon sanctionnée par les articles L335-2 et suivants du Code de la propriété intellectuelle.

O empurrãozinho de Virginia Woolf

Paris, 12 de outubro de 2020.

Olho para os lados com a respiração ofegante, as paredes do meu quarto me pressionam. Será que só pensamos na liberdade quando estamos presos ? Aprendi que a liberdade pode ter muitas faces. Para mim, ela é um estado mental em que chegamos quando fazemos uma escolha e aceitamos suas consequências conscientemente de corpo, mente e alma.

Eu sempre acreditei nisso e, com essa ideia, superei muitos desafios. Mas e quando não podemos escolher ? Quando a situação nos é imposta ?

Há muito tempo eu não sabia mais o que era estar presa. Sempre achei uma forma de escape, ou uma oportunidade para converter os azares da vida em sorte. E me sentia orgulhosa por isso ! Porém, nesse ano de 2020 aconteceu o inesperado. O mundo parou com a pandemia e com ela o meu trabalho e a minha esperança. Agora, eu estou presa e ficando sem ar, com ou sem a máscara anti-Covid-19.

Trabalho fazendo conferências de história da arte nos museus de Paris. No primeiro lockdown tudo estava fechado. Entendi e respeitei as razões sanitárias. A Covid-19 se alastrou com uma força e velocidade ferozes, foi preciso uma quarentena severa para conter a pandemia. Aliás, não me entenda mal. Saúde em primeiro lugar, o confinamento foi realmente necessário.

Depois de quase três meses, alguns sinais de melhora apareceram e, a partir de maio de 2020, começamos progressivamente a sair do lockdown.

Porém, durou apenas o calor do verão do hemisfério norte. Infelizmente, os números de casos e mortes aumentaram e um segundo lockdown apareceu em outubro. Desta vez mais liberal, o comércio está aberto. As lojas de roupas, decoração e eletrodomésticos estão abertas e lotadas.

Os museus, salas de teatro e cinemas, entretanto, ainda estão fechados, considerados como “não essenciais”. É aí que começa a minha indignação, além da tristeza pela situação mundial. Essas palavras estão me pesando. É como se tivesse vida lá fora, mas aqui dentro de mim a esperança foi jogada em uma sala fria, sombria, trancafiada com a inscrição “não essencial” na porta.

Desde então, me sinto morta, como se minha alma tivesse descolado do corpo. Eu conhecia bem essa sensação de distanciamento de mim mesma, já tinha vivido isso antes. Vejo, ouço e entendo tudo o que acontece em torno de mim, mas não sinto nada. O importante é : eu quero desesperadamente sentir algo, algo de bom.

Resolvi ir atrás da tal esperança. Como ? Escrevendo, por três razões muito importantes.

A primeira razão foi porque um dia desses meu e-mail sinalizou que não tinha mais espaço. Todos os meus GB tinham sido utilizados. Lá fui eu fazer uma limpeza na minha caixa de entrada. Depois de umas duas horas, abri uma mensagem de sete anos atrás. Era um e-mail de despedida de meus amigos para mim, de quando vim do Brasil à França, que dizia assim :

“Querida Francesca,

Estamos muito felizes com a notícia de sua ida à Paris para, finalmente, seguir seu sonho.

Vamos sentir muito a sua falta nos shows de Jazz da Vila Madalena, das suas danças bizarras em cima da mesa, do seu mundo particular e da música que só você é capaz de ouvir. Pensaremos em você, em nossos piqueniques no Parque Ibirapuera, nas visitas aos museus. Mas, o que nos dará mais saudades são as entradas nos desfiles do SPFW que você descolava e, sobretudo, da sua risada que começa elegante, mas faz estranhos barulhos de porco no meio.

Queremos que saiba que estamos muito orgulhosos de você, que representa uma verdadeira mulher guerreira, corajosa e que nada pode te parar. Quando você coloca alguma coisa na cabeça, sempre vai até o fim. Não é todo mundo que tem essa coragem de deixar um emprego em uma multinacional, um namorado e uma família unida para seguir um sonho em um lugar tão longe !

Paris tem sorte de ter você por perto. Espero que possamos nos encontrar logo, o mais rápido possível. Ah ! A Carolina disse que vai tentar ir no ano que vem te visitar !

Um grande beijo, com amor e carinho dos amigos

Hellen, Carolina, Duda, Antônio, João e Gu.”

Ao ler esse e-mail, uma parcela de felicidade queria despontar em mim, mas não despontava. Ao invés disso, me senti constrangida, como se estivesse lendo uma mensagem particular, entrando na intimidade de outra pessoa.

Quem era aquela de quem eles estavam falando ? Eu fiquei com saudades daquela pessoa que me era estranha, aquela que eu deveria chamar de “eu”. Os dias foram passando e, aos poucos, fui querendo voltar a ser, ou melhor, reconhecer aquela pessoa cheia de vida, a vida que eu já não tinha mais em mim. Então, escrevo para recordar.

A segunda razão era porque aquela classificação de “não essencial” começou a me excluir cada vez mais da sociedade, já que a minha essência era feita de arte. Agora, estavam dizendo que a arte não era essencial, eu não era essencial, minha voz não era essencial, meu trabalho não era essencial, minhas entranhas não eram essenciais.

Então, escrevo para mostrar o quanto a arte fez e faz parte da minha vida todos os dias. Não apenas como trabalho, mas como filosofia de vida. Não consigo aceitar que, em 2020, a cultura seja considerada como “não essencial”, ainda mais na Cidade Luz, cidade das artes.

A terceira razão foi por lembrar de que eu tenho o direito de escrever, de me colocar na posição de escritora, espaço conquistado por tantas mulheres que admiro, como Virginia Woolf. Com ela, aprendi que, tendo tempo e um quarto, escrever se torna uma oportunidade moral para defender minhas ideias.

Talvez você esteja pensando : “Mas você está sozinha ?” Não, não estou. Tenho meu ¹conjunto, que é minha família aqui, e é um prazer ter sua companhia. Porém, não vamos confundir amor romântico com o amor em si, ou ainda com o seu propósito de vida. Todos são extremamente importantes, mas um não substitui o outro.

Resolvi escrever para lembrar quem eu fui, para manifestar e mostrar o quanto a arte é essencial como filosofia de vida - quero dizer aqui como um suporte para nos apoiar e nos guiar em busca da sabedoria, de respostas ou no caso, do meu próprio equilíbrio. O ato de escrever é a minha aventura a caminho da tal esperança. Já me senti assim antes e, se consegui me reerguer uma vez, por que não faria de novo ?

Mas vamos começar do começo quando eu ainda era Francesca B.

Castiglione...



Stefan après l'aperçu le voyageur contemple en me
de nuages, » voyage à Hong Kong le 17.08.22
Fait le 23/11/22

Figura 1 : Estudo da obra de Caspar David Friedrich, O viajante sobre o mar de névoa, 1818. Feito em novembro de 2022 pela autora a partir de fotos de seu arquivo pessoal de viagem à Hamburgo agosto de 2022. Lápis grafite e lápis branco sobre folha de papel kraft.

Parte I

Saída “à la” Saramago ou quebrando a corrente

Trabalhei por quase dez anos com moda e marketing num ritmo acelerado. Foi em 2014 que minha vida tomou um novo rumo. Imagine isso. Estava há quase um ano numa empresa multinacional francesa, em São Paulo, onde éramos umas 200 pessoas no escritório. Minha gerente Helena, meu diretor François e eu ficávamos lado a lado.

Antes de uma reunião qualquer, o diretor me chamou :

“Fran, você tem cinco minutinhos ?”

“Claro !”, respondi.

“Seu trabalho no último projeto foi impecável e muita gente está te observando. Parabéns ! Precisamos mesmo de gente como você por aqui. Esse mercado é novo e está em crescimento.”

Agradei sem entender muito bem o que estava acontecendo, mas orgulhosa.

“Nós queremos te recompensar. Você foi selecionada para o projeto “prochaine étoile” ou próxima estrela, em português. Vamos dobrar o seu salário e você ganhará uma consultoria de carreira pessoal com uma psicóloga especializada no mundo empresarial lá na França, durante uma semana. Não é magnífico ?

“Uau ! É maravilhoso, mesmo”, respondi tentando não transparecer meu nervosismo. “E como funciona ?”

“Você só precisa assinar um contrato prometendo que não vai nos deixar por pelo menos sete anos.”

“Hum... Muito obrigada, chefe, vou pensar.”

“Não tem o que pensar chérrrrrie. É uma mina de ouro pra você !”